

A Roda na Escola Infantil – Aprendendo a Roda aprendendo a conversar

Maria Cláudia Bombassaro

Eixo 4 – Práticas Pedagógicas, Culturas Infantis e Produção Cultural para as crianças pequenas

Resumo

O presente trabalho baseia-se numa pesquisa de Dissertação de Mestrado e surgiu da minha inquietação com o encontro na Roda. Este trabalho teve por objetivo investigar os funcionamentos da Roda na Escola Infantil e apresentar a Roda como linguagem, com estrutura e regras próprias de funcionamento. Tendo acesso a uma prática significativa de Roda, permeada pela dialogicidade, busquei compreender os sentidos que a Roda possui para professor e crianças, explorando a estrutura e as regras de funcionamento das Rodas observadas. Foi utilizada uma abordagem qualitativa com observação participante. A análise dos dados produzidos em campo indica que os encontros na Roda são aprendidos pela professora e pelas crianças na medida em que são colocados em funcionamento pelos mesmos e geram conhecimentos e aprendizagens sobre a Roda, sobre seus participantes e sobre conversar.

Palavras-chave: Roda – conversa- educação infantil_

A Roda na Escola Infantil – Aprendendo a Roda aprendendo a conversar

Maria Cláudia Bombassaro

Eixo 4 – Práticas Pedagógicas, Culturas Infantis e Produção Cultural para as crianças pequenas

Introdução

O presente trabalho baseia-se em uma pesquisa de Dissertação de Mestrado, que teve como objetivo investigar e apresentar a Roda na Escola Infantil como linguagem, com estrutura e regras próprias de funcionamento. Nessa perspectiva, essa pesquisa iniciou a partir da proposta de organizar Rodas na Escola Infantil, prática cotidiana de muitos professores e em muitos casos, esvaziada de sentido para seus participantes. Fazer Roda para realizar a chamada, escolher o ajudante do dia e marcar o painel do tempo são modos de colocar em funcionamento a Roda de forma prescritiva no sentido linear e acrítico, fazendo porque alguém um dia disse que tinha que fazer. Considerando esse cenário e tendo acesso a uma prática significativa de Roda, com essa pesquisa minha intenção foi compreender os sentidos atribuídos a Roda por seus participantes, explorando o modo como era organizada e o seu funcionamento. Tendo isso claro, com essa pesquisa minha intenção não foi de prescrever um modo correto de fazer Rodas, mas sim chamar a atenção dos professores para essa prática de modo a provocá-los a pensar sobre suas escolhas e sobre as possibilidades de funcionamento da Roda compreendendo-a como uma linguagem.

Portanto, apresentando a pesquisa, considero importante contextualizar o referencial teórico que sustentou a mesma. Utilizo o conceito de linguagem de Charles Sanders Peirce (apud Santaella, 1985) e o conceito de conteúdo-linguagem de Junqueira Filho (2005). Também contribui para pensar a Roda numa outra perspectiva, o conceito de diálogo de Paulo Freire

(1987). A seguir, apresentarei os conceitos utilizados na pesquisa e os caminhos metodológicos desenvolvidos.

A Roda como linguagem

A Roda está presente ao longo da história da humanidade em diferentes Instituições, com diferentes objetivos, em diferentes culturas, épocas e lugares. Em todas essas instâncias, a Roda tem um fim em comum: reunir as pessoas. É uma prática social, um funcionamento dos humanos. Cada vez que as pessoas realizam Rodas, há uma estrutura e regras de funcionamento que são peculiares ao grupo que as organiza e as coloca em ação. Portanto, a Roda é uma produção humana significativa que fez e continua fazendo sentido para o humano, como um modo de se encontrar.

A partir dessa compreensão, encontro no conceito de linguagem de Charles Sanders Peirce (apud Santaella, 1985), o suporte para compreender a Roda como uma linguagem. Para Peirce, linguagem é toda e qualquer produção, realização, funcionamento do homem e da natureza, com estrutura e regras próprias de funcionamento a partir das quais pode ser aprendida e continuar a ser produzida. Sendo a Roda uma produção humana, um funcionamento dos humanos para se reunirem, ela pode ser entendida como uma linguagem a partir do conceito de linguagem que utilizo. Desse modo, toda Roda tem uma estrutura e regras próprias de funcionamento porque toda linguagem tem uma estrutura que a faz existir como linguagem e regras de funcionamento que colocam a estrutura da linguagem em funcionamento. As duas juntas: estrutura e regras estão diretamente vinculadas a cada sujeito, grupo, local e tempo em que a linguagem é posta em funcionamento. Portanto, não existem regras fixas e nem estrutura fixa para cada Roda, mas signos que indicam o modo de funcionamento de cada Roda realizada pelos sujeitos. De modo prático, uma roda pode ser realizada com cadeiras, sobre um tapete ou sobre almofadas. Uma Roda pode ter sempre a mesma pauta: fazer a chamada e escolher o ajudante do dia, ou não. Esses elementos fazem parte da estrutura da Roda e são colocados em funcionamento pelas regras: falar um de cada vez, ouvir o que o outro está dizendo, levantar a mão para falar, dentre

outras. Isso é apenas um exemplo do que poderia ser uma estrutura e do que poderia ser regras de funcionamento da Roda.

Antes de seguir adiante, gostaria de esclarecer o conceito de signos que indicam o modo de funcionamento da Roda. Quando falo de signos, estou me referindo ao conceito desenvolvido por Peirce (apud Santaella, 1985; Junqueira Filho, 2005) como tudo aquilo que representa em parte, sempre em parte, o objeto a que se refere. Não é o objeto em si e nem o interpretante do objeto, ou seja, cada vez que participo de uma Roda, produzo significados para o que vejo, escuto e percebo e esses significados estão relacionados a tudo o que já vi, vivi, li e experimentei e assim, produzo sentidos sobre essa situação experimentada, sobre mim e sobre os que me acompanham. Portanto, quem produz ou lê o outro, as situações, os signos que se apresentam, ao fazê-lo produz outros signos – signo gerando signo. Quando o professor está na Roda com as crianças, ele produz signos sobre a Roda, sobre as crianças, sobre a relação dele com as crianças e a Roda e sobre ele mesmo. O mesmo acontece com as crianças que produzem signos sobre o que é uma Roda, como o professor funciona na Roda, como seus colegas funcionam na Roda e como ela mesma funciona. A partir deste referencial, podemos dizer que professor e crianças são sujeitos leitores uns dos outros e de tudo que os cerca.

A partir da compreensão da Roda como linguagem, quero destacar outro conceito importante para o trabalho desenvolvido. Junqueira Filho (2005) elaborou a partir da concepção de linguagem acima apresentada, uma concepção de conteúdo, aplicada a Escola Infantil. Conteúdo aqui entendido não para marcar os conhecimentos a serem transmitidos aos alunos de forma prescritiva e esvaziada de sentido. Conteúdo significado como linguagem – conteúdo-linguagem -, ou seja, conteúdo como toda e qualquer produção, realização, funcionamento do homem e da natureza. Se para Peirce tudo é linguagem, para Junqueira Filho (2005), tudo o que põe em funcionamento a escola é conteúdo-linguagem: a conversa, a pintura, o canto, a dança, o desenho, as brincadeiras, os jogos, a dramatização, a leitura, a escrita, a alimentação, dentre outros. Cada uma dessas linguagens, cada um desses conteúdos linguagens, são conhecimentos produzidos pelo humano, são funcionamentos que para ser aprendido e para continuar a ser produzido como

linguagem, precisa ser explorado, aprendido e apropriado em sua estrutura e regras próprias de funcionamento, seja pelas linguagens verbais, seja pelas linguagens não verbais. Sendo assim, para aprender o conteúdo-linguagem Roda eu preciso participar de Rodas e aprender os funcionamentos possíveis para as Rodas, aprendendo como eu funciono ao participar delas, como os demais funcionam e para que serve uma Roda. Com isto estou dizendo que Roda se aprende. Para ser colocada em ação, precisa ser estudada como conteúdo-linguagem que é, aprendida em sua estrutura e em suas regras próprias de funcionamento, pelas crianças e pelo professor, em linguagens verbais e não verbais. Portanto, quando os professores organizam Rodas somente para realizar a chamada, escolher o ajudante do dia e marcar o painel do tempo, entendo que estão desperdiçando um momento ímpar de conhecer as crianças e dar-se a conhecer intermediados pelo diálogo. Por diálogo, entendo, em parceria com freire (1987), o exercício da fala, da palavra para conversar, comunicar-se de forma democrática, numa interlocução entre diferentes vozes: às vezes, com o outro; às vezes, consigo mesmo; às vezes, através da linguagem não verbal; às vezes, com o silêncio. Não é só a expressão da palavra pura e simples, mas de idéias, pensamentos, sentimentos, gestualidade, humor – ou a falta dele -, dramaticidade, concepção de mundo, ação e posicionamento diante da realidade, revelados, portanto em linguagens verbais e não verbais enquanto se conversa.

A Roda pode ser um espaço para aprender a conversar, não no sentido da falação, mas na perspectiva descrita acima. Portanto, se pretende ser dialógica, não deveria ser organizada para “contar novidades” exigindo que cada criança, por ordem, no sentido horário, se manifeste contando algo para satisfazer o desejo do professor de cumprir mais uma atividade da rotina. Uma Roda que pretende ser dialógica garante espaço para que as crianças conversem entre si e com a professora, compartilhando desse tempo-espaço e das histórias pessoais e coletivas do grupo a que pertencem. É um encontro entre crianças e professora para juntos compartilharem aquilo que lhes provoca, instiga, preocupa, afeta, com tudo aquilo que cada sujeito traz para esse encontro.

Pensando nisso, acredito que os encontros na Roda são complexos e não previsíveis. Uma Roda nunca será igual a outra mesmo que sua estrutura e suas regras de funcionamento sejam as mesmas, ou seja, mesmo que o local, as pessoas e a pauta seja a mesma, cada Roda é uma pelos desafios de articulação que a Roda propõe a todos os seus participantes.

Portanto, estou me referindo à possibilidade que a Roda em funcionamento tem de indicar sobre de que maneira e com que intensidade cada um dos participantes da Roda é afetado pelo que na Roda acontece, pois a Roda, ao ser posta em funcionamento, também aciona, põe em funcionamento a estrutura e as regras de funcionamento de cada um dos participantes da Roda na sua relação com a Roda e com os demais sujeitos participantes deste encontro. Assim, temos aqueles mais falantes, os mais quietinhos, os que observam e aos poucos vão ficando mais à vontade para falar e assim por diante, cada qual do seu jeito.

Metodologia

Apresento, portanto, as escolhas metodológicas para a realização desta pesquisa e gostaria de destacar que escolhi realizar a pesquisa de campo numa escola que tivesse um trabalho relevante¹ de organização de Roda com as crianças, ou seja, que a Roda fosse considerada algo significativo e importante; portanto, uma prioridade na composição da rotina de trabalho de toda a escola. E foi com base nesse critério que nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2009, foram observados os momentos de Roda, no turno da tarde, convocados pela professora com as crianças do grupo 5 de uma Escola privada de Educação Infantil da cidade de Porto Alegre. O grupo 5 era formado por treze crianças na faixa etária dos cinco anos de idade, sendo que algumas destas crianças permaneciam na Escola em turno integral e outras só compunham o grupo no turno da tarde. Também foram objeto da

¹ Por trabalho relevante entendo um trabalho que seja significativo para todos os profissionais da escola e, mais especificamente para as crianças e professoras. Um trabalho que os mobilize. Um trabalho em que a Roda seja um espaço e uma oportunidade de encontro para dialogarem sobre aquilo que lhes provoca, sobre aquilo que lhes convoca, - a um, a dois, a todos ou a grande maioria -; em que exista engajamento do professor e as crianças para se conhecerem e de darem a conhecer a partir da estrutura e das regras de funcionamento da Roda.

pesquisa a professora referência da turma, a professora apoiativa² e a diretora da escola. Essa pesquisa é qualitativa e teve como instrumentos metodológicos a observação participante, a entrevista semiestruturada, os desenhos produzidos pelas crianças, uma conversa com todas as crianças e a produção de um diário de campo contendo anotações por escrito acerca do que observei, vi, ouvi e gravei com o uso de um gravador de voz. Desse modo, através dos “dados” produzidos durante a pesquisa de campo e da leitura do referencial teórico, tendo claro que meu foco era os encontros em Roda, mais especificamente a Roda inicial, procurei identificar a estrutura e as regras de funcionamento das Rodas observadas e seus múltiplos sentidos na composição do cotidiano da escola Infantil. Minha intenção era compreender o modo como as crianças aprendem a Roda, aprendem a estar em Roda, se aprendem em suas relações com a estrutura e as regras de funcionamento da Roda, aprendem sobre a professora que propõe insistentemente e veementemente a Roda, entre tantas outras aprendizagens. Cade destacar que os “dados” produzidos não são elementos para dizer como devem ser todas as Rodas que existem. Eles servem para analisar as Rodas observadas e ajudar a pensar os diferentes funcionamentos possíveis para uma Roda, visto que cada Roda é uma e depende dos sujeitos que a constituem e do modo como interagem quando se encontram.

Desenvolvimento da Pesquisa

- Gente, Roda inicial!!!!!! É assim que começa meu encontro com as crianças e a professora na pesquisa de campo. A professora organiza, convoca e coordenado o grupo de crianças para iniciar a Roda e assim ela entra em funcionamento. Para uma Roda acontecer é preciso que alguém a convoque, o que pode ser feito através de uma expressão verbal ou gestual, ou até mesmo pelo soar de um sino, um apito ou uma música. Desde que esse sinal de convocação seja previamente combinado com as crianças.

Todas as Rodas observadas aconteceram dentro do espaço da sala de atividades sobre um tapete medindo aproximadamente quatro metros

² Professora apoiativa é a designação usada pela escola para os professores que tem a função de acompanhar as turmas onde tem crianças com necessidades educativas especiais.

quadrados. Conforme descrição de Petry (2009, p. 133; 151; 152), a Roda pode ser estruturada espacialmente com cadeiras. Ao longo de minha trajetória profissional, observei também Rodas sendo organizadas com almofadas, no chão, com tapetes de borracha individualizados, com tapete e até mesmo sobre uma cobra bem comprida feita de tecido. Existem muitas possibilidades e materiais para estruturar, física e espacialmente, a Roda. Na escola pesquisada é o tapete que marca o local do encontro da Roda dentro da sala. Ele é um dos signos que estruturam a Roda e indica a Roda na relação com os demais signos que a estruturam e a colocam em funcionamento. Essa é uma aprendizagem que se inicia ao iniciar o ano letivo que é quando a professora vai indicando em conjunto com as crianças o local no qual irão se encontrar para realizar a Roda.

Outro aspecto que faz parte da estrutura da Roda é a pauta, ou seja, o que vai acontecer nesse encontro. Na pauta das Rodas observadas na escola pesquisada sempre há conversa. E essa é uma escolha da professora referência, que organiza e coloca em ação a pauta da Roda. É o momento em que a professora apresenta, consulta, compartilha e articula com as crianças tudo aquilo que é considerado importante, relevante e significativo nesta e para esta escola, neste, deste e para este grupo, quer sejam notícias do mundo ou informes da escola quer seja a escolha dos projetos de trabalho que irão estudar, quer sejam desejos, alegrias, tristezas, novidades, combinações, dúvidas, pesquisas, dentre outros, que podem ser trazidos tanto pela professora quanto pelas crianças. Portanto, antes mesmo de iniciar a Roda, o professor precisa realizar o planejamento desta.

Penso que toda a Roda levada a sério, em sua estrutura e regras próprias de funcionamento começa quando o professor planeja a Roda retomando suas memórias e seus registros das Rodas anteriores, pensando-a na relação com as demais situações que irão compor a rotina do dia. Mesmo que a Roda seja realizada todos os dias, tão certo quanto a higiene, o pátio e o lanche – por exemplo – não significa que será posta em funcionamento como uma situação automatizada, que não precisa ser planejada. A elaboração da pauta da Roda organiza a estrutura dessa e demanda, dia a dia, a retomada e avaliação da trajetória do grupo, buscando identificar e trazer para a Roda

assuntos que estão mobilizando as crianças ou que precisam, segundo a professora, ser apresentados a elas para serem debatidos entre todos, além daqueles trazidos pelas crianças quando se encontram na Roda e já construíram o espaço-tempo da conversa. As pautas da Roda têm, portanto, também, a função de memória coletiva do grupo e da Roda, na medida em que guardam parte da memória da Roda e do grupo e, dessa maneira, da história dos assuntos tratados em Roda pelo grupo, sendo dessa maneira um dado importante para a professora continuar planejando as pautas das demais Rodas: sua composição, cálculo aproximado de sua duração na relação com a quantidade e a relevância dos temas a serem abordados, dentre outros elementos a serem considerados.

Em relação as regras, na escola pesquisada, observei que falar e ouvir o que os outros estão dizendo, prestar atenção no que está sendo dito e falar um de cada vez, se inscrevendo de forma verbal ou gestual, quando deseja falar, são regras que colocam a estrutura da Roda em funcionamento. Isto se aprende e são objetivos desta professora com este grupo de crianças para que elas possam aprender a Roda a partir de sua estrutura e regras de funcionamento. Nas Rodas que tenho observado ao longo de minha trajetória profissional, ao invés da inscrição para falar, o que se observa é a convocação, pela professora, para que cada criança fale, conforme a ordem em que estão sentadas na Roda, geralmente, em sentido horário. As crianças são convocadas a falar – não a conversar – e falam para atender a uma demanda indicada pela professora. Nas Rodas que foram objeto deste estudo, é interessante observar que as próprias crianças acompanham atentamente a seqüência das falas e a inscrição para falar, ajudando a professora a organizar a vez de cada um.

Encontrar-se na Roda, não envolve só encontro físico. Para além de estar junto, envolve perceber-se como singular e coletivo, sabendo que cada sujeito que da Roda participa tem uma história, provém de uma família, tem um jeito de pensar e sentir. Quando a Roda é convocada e posta em funcionamento, todos estes diferentes jeitos se encontram e compartilham jeitos comuns ao grupo, principalmente quando o encontro é para conversar, pois pela interlocução que se estabelece se compartilham jeitos, sentimentos,

modos de organizar-se e desorganizar-se, conflitos, dentre outras coisas. Estar na Roda e dela compartilhar envolve se expor, expor o que pensa e confiar.

Para finalizar, quero destacar que as crianças aprendem a Roda tanto ela sendo produzida a partir de conversas entre seus participantes ou, apenas como uma estratégia para fazer a chamada, preencher o quadro do tempo, informar sobre a rotina do dia e sortear o ajudante. São funcionamentos diferentes, cada qual com sua estrutura e regras de funcionamento.

Cabe ao professor escolher qual o sentido que pretende dar para o funcionamento das Rodas que organiza.

Considerações finais

Com este trabalho de pesquisa, minha intenção foi significar a Roda com outras possibilidades além daquelas a que estamos acostumados a ver e a pôr em funcionamento. Acredito e defendo, na companhia dos autores que escolho que a Roda é um conteúdo-linguagem que pode e precisa ser aprendida por professores e crianças na Escola Infantil.

A Roda, do jeito como vem sendo posta em funcionamento, é desperdiçada, porque muitas vezes não conseguimos deslocar o olhar, arejar as tradições, desacomodar a rotinização do cotidiano e pensar sobre de que modo estamos nos encontrando com as crianças.

O encontro na Roda é uma das linguagens humanas que possibilita às crianças serem autoras e protagonistas em interlocução com outras crianças e com os adultos.

Referências

FREIRE, Madalena. A paixão de conhecer o mundo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 39ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação? 10ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa. 9ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. Linguagens Geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil. Porto Alegre: Mediação, 2005.

PETYRY, Letícia Marlise. Educação infantil: vida-história de grupo e(m) processos de criação. Porto Alegre: UFRGS, 2009. (Dissertação de Mestrado)

RIZZO, Gilda. Educação Pré-Escolar. 5ª edição. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

SANTAELLA, Lúcia. O que é semiótica. 13ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

VASCONCELOS, Maria Teresa Sena de. Ao Redor da Mesa Grande: a prática educativa de Ana. Portugal: Porto Editora, 1997.

WARSCHAUER, Cecília. A Roda e o Registro. Uma parceria entre professor, alunos e conhecimento. 4ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.